

A. Gonçalves

HENRI GORCEIX

(1842 - 1919)

DATA de muito pouco tempo, no Brasil, a preocupação oficial e particular pela formação rigorosamente técnica dos profissionais da Geografia. Por isso mesmo tem a Geografia do Brasil, sido feita pelos inúmeros sábios de outras ciências e, muitas vezes, à margem das especulações diretas e próprias desses sábios, ou, então, nos seus momentos de sobra de tempo.

Ontem como hoje, quicá, ainda amanhã, naturalistas, em geral, geólogos, mineralogistas, botânicos, etc., poderão aparecer não apenas como cientistas renomados, em cada respectivo setor do conhecimento humano, mas, também, e, ao mesmo tempo, "doubles" de geógrafos.

HENRI GORCEIX, entre nós, não poderia escapar à regra geral, éle que — geólogo eminente e mineralogista de mérito — veio ao Brasil, a convite especial, oficialmente organizar e dirigir uma Escola de Minas, trazendo, consigo, além de uma alma de pesquisador pertinaz, uma capacidade criadora invejável, uma experiência científica respeitável e, sobretudo, uma cultura especializada, haurida nos grandes centros universitários da Europa.

Primeiro diretor e grande animador da Escola de Minas de Ouro Preto, além de professor emérito de mineralogia e geologia, CLAUDE-HENRI GORCEIX foi, na referida Escola — fundada em 1876 — verdadeiramente a alma que lançou a chama científica no viveiro sem par de onde saíu, como tem saído, um considerável número de grandes pesquisadores da terra brasileira.

Basta a leitura do relatório em que GORCEIX esboçou o projeto da organização da referida Escola, para que se possa aquilatar da visão pedagógica do sábio, em quem os geógrafos de hoje reconhecem o ter dado, a muitos, a oportunidade de encontrarem, no contacto da natureza, um campo de pesquisas puramente científicas, inúmeras das quais, do maior proveito para a sua ciência.

Porque, de fato, mesmo fazendo mineralogia e geologia, ou, geologia e topografia, seus discípulos — fora das especulações geográficas propriamente ditas — contribuíam para o melhor estudo do relevo do Brasil, e, assim, para a sua interpretação científica, de vez que o relevo constitui, como se sabe, assunto fundamental da Geografia Física e que não pode ser interpretado com rigor, enquanto, nos diferentes países não se encontram, aquelas ciências básicas, suficientemente desenvolvidas.

Dentro desta sorte de considerações, a GORCEIX se deve, logo de início, uma contribuição, embora indireta, para a geografia brasileira, contribuição enriquecida, alás, pela iniciativa da organização de "uma obra verdadeiramente pairótica", — como dizia a FERREIRA CHAVES — "tão útil ao país, tão gloriosa para aqueles que ligarem seus nomes à sua realzação: a da Carta Geológica da provincia de Minas". Prosseguindo em sua exposição, escreveu GORCEIX: "A Escola de Minas de Ouro Preto achará ocasião de mostrar o que ela sabe fazer, e tudo me leva a crêr que o exemplo dado por Minas Gerais será imitado por outras provincias".

As instruções ministradas aos alunos da Escola de Minas, que seguiam em excursão para o norte da então provincia, em 1877, confirmam, por um lado, os méritos anteriormente apontados, e, representam, por outro, um modelo pedagógico, no gênero Revelam, ainda, até que ponto chegava o seu espírito de organização e de incentivo. O relatório em que deu conta dos resultados da excursão e endereçado ao Ministro do Império, em 6 de fevereiro do ano seguinte, não é uma demonstração de quem se preocupava tão somente com o cumprimento do dever funcional, mas, também, outra prova do carinho e do interesse com que sabia acompanhar e apreciar os trabalhos dos que mal se iniciavam nos árduos labores da pesquisa de campo.

Fazendo publicar trabalhos dos alunos, poudo, certa vez, ressaltar num Prefácio: "Certamente não são feitas as produções com que se estreiam aquêles jovens engenheiros, mas tais qua's são elas, julgo-as dignas da atenção de quantos se interessam pela prosperidade do Brasil e acreditam comigo que na exploração das riquezas mineras tão prodigalizadas pela Natureza à provincia de Minas Gerais, poderão oferecer-se ao país novos recursos, que lhe permitam realizar os grandes cometimentos empreendidos. O trabalho dos Srs DUPEË e CORREIA DA COSTA abrange uma imtadissima região; é pouco extenso, mas ambos competem-se da verdade máxima: "pouco e bom vale muito".

HENRI GORCEIX nasceu em Saint-Denis-des-Muis, França (Departamento da Alta-Vienne), em 19 de outubro de 1842, e faleceu em 6 de setembro de 1919, aos 77 anos de idade. Era bacharel em ciências físicas e matemáticas pela Escola Normal Superior de Paris. Logo depois de diplomado, foi professor de ciências físicas e naturais no Liceu de Angoulême, passando, em outubro de 1867, a preparador de mineralogia, geologia e botânica, na Escola Normal Superior de Paris; em 1869, foi encarregado, pelo Ministério da Instrução Pública de França, de acompanhar uma missão científica aos montes Apenninos. Ainda neste ano foi nomeado membro da Escola Francesa de Atenas. Em 1874, foi delegado da Academia de Ciências para estudar o vulcão de Nisios. Procurava concorrer a cátedra na Universidade de Paris, quando, nesse momento, foi convidado por D PEDRO SEGUNDO — por intermédio de DAUBÉE — para organizar a Escola de Minas. Nesse mesmo ano de 1874 veio para o Brasil, onde, inicialmente, foi mandado pelo Museu Nacional a pesquisas mineralógicas no Rio Grande do Sul, depois a Minas Gerais, afim de escolher, finalmente, o melhor local para a localização da Escola de Minas. No relatório em que lançou o plano da referida Escola focalizou, clarividentemente, a orientação prática a ser seguida nos diferentes cursos: "tanto quanto fôr possível, os domingos e dias feriados serão empregados em excursões práticas ao redor da cidade, que se estenderão a distâncias determinadas somente pelo tempo de que possa dispor o professor". Quanto à missão do professor na futura Escola de Minas, poudo acrescentar: "si os professores da Faculdade

de Direito podem ao mesmo tempo ser advogados; si os da de Medicina sustentam grande clínica; si, em outros estabelecimentos podem acumular funções retribuídas, entrar em comissões quando se precisa da sua ciência, em Ouro Preto os professores da Escola de mineiros só podem ser e serão professores", esclarecendo: "a necessidade de ter bons professores corresponde à de retribuí-los bem"

Na organização da Escola de Minas tomou GORCEIX, por modelo, a Escola de Minas de Saint-Etienne, a qual podia "se vangloriar de terem sido seus alunos alguns dos sábios de que se ufana a ciência francesa" Tal orientação prática almejada por GORCEIX pode ser concretamente compreendida, recordando-se suas palavras: "por mas modesto que seja o seu estudo, pode sempre fornecer excelentes resultados, si os soubermos inteirigar", porque GORCEIX lembriava sempre "as minas, os estabelecimentos metalúrgicos serão os melhores livros da nossa biblioteca"

Administrador consciencioso e professor emérito, ainda teve tempo para realizar inúmeras pesquisas, bem como publicar os resultados de suas investigações, quase sempre sobre assuntos ainda inéditos. E, não obstante não haver reunido o que publicara nas várias revistas científicas onde colaborava assiduamente, chegou a escrever nada menos de 51 contribuições sobre a geologia e mineralogia do Brasil, muitas das quais encerram valiosos esclarecimentos acerca da mal conhecida ou ignorada geografia de certas regiões do país

Não foi, sem dúvida, um geógrafo; mas em sua obra há muito de geografia e, principalmente, elementos básicos para a interpretação da geomorfologia de várias regiões do Brasil, quando não chegou mesmo, a fazer geomorfologia, por exemplo, ao estudar, em 1884, a bacia terciária de água doce nos arredores de Ouro Preto (Gandarela e Fonseca) (páginas 77 e seguintes, da 2ª edição do n.º 3-1884-dos Anais da Escola de Minas de Ouro Preto)

Poi tudo isso, se justifica a homenagem que, ao sábio, presta esta REVISTA, no seu presente número, nele reconhecendo, antes de mais nada, o grande animador da pesquisa científica em nossas plagas

Nesse campo, o da pesquisa científica, não lhe faltam recomendações

Em 1881 já sugeria, acertadamente, a série Itacolomi no Algonquiano que, com meticulosidade, estudou em Minas Gerais. Nesse mesmo ano, insurgiu-se contra o ponto de vista de LIAIS que havia dado a idade mesozóica à série São Francisco. E descrevendo os restos de plantas contidos nas bacias do Fonseca e Gandarela, conseguiu identificá-las como pertencentes ao Neogêneo

Tôdas essas observações e conclusões, que não pertencem diretamente ao domínio da Geografia, a esta interessam sem dúvida, dadas as relações da geologia com a geomorfologia, um dos ramos básicos, como se sabe, da Geografia Geral

Foi o primeiro a se ocupar com o estudo das rochas de Minas Gerais, sob o ponto de vista químico, possuindo método próprio de análises, inclusive de "terras raras" até hoje desconhecido, segundo oralmente esclareceu o Dr. CARNEIRO FILIPE. Além disso, chamou GORCEIX a atenção para enganos de técnicos quando, entre outros, pelo que esclareceu FRÓIS ABREU, tomavam os xistos sercíticos por talcosos

Ocupou-se com o problema da origem do diamante e com o estudo das "lavas" dos cascalhos diamantíferos, tendo feito, em 1882, observações sobre o diamante detítico na série de Lavias. Em 1883 descrevia a geologia e geomorfologia de Ouro Preto, assinando com precisão, segundo AVELINO DE OLIVEIRA e OTON LEONARDOS, in Geologia do Brasil, que "no topo do sistema da seria do Espinhaço, sobre os quartzitos de Itacolomi e do Carajá jaz uma formação de quartzitos contendo seixos rolados ligando-se a conglomerados e a "pudrúngues", estes muitas vezes horizontais". E levando mais adiante suas observações, concluiu que tal formação é atravessada por veios de quartzito leitoso com olígisto e ouro irregularmente disseminado. Na bacia do Fonseca conseguiu verificar camadas diferentes repousando sobre gnaisse granitóide, ao estudar as áreas com depósitos terciários

Muitos dos seus trabalhos do tipo do que escreveu sobre o Ferro e os mestres de foja na provincia de Minas Gerais têm para a Geografia o valor de uma boa contribuição. Da sua extensa bibliografia, que vai publicada no fim desta REVISTA, seria possível destacar muitos outros subsídios de importância para a Geografia, caso não fôsse o limitado do espaço reservado a esta secção

GORCEIX teve em PAUL FERRAND um colaborador de valor, a quem se deve uma monografia sobre as minas auríferas. Foram seus discípulos grandes vultos da ciência nacional, como JOAQUIM CÂNDIDO DA COSTA SENA (seu sucessor na cátedra e na direção da Escola de Minas), LUIZ FILIPE GONZAGA DE CAMPOS (a quem se presta também, neste número, uma justa homenagem), FRANCISCO PAULO DE OLIVEIRA, JOÃO PANDIÁ CALÓGERAS, MIGUEL ARROJADO LISBOA, JOSÉ PIRES DO RIO, LUIZ CAETANO FERRAZ, EUSÉBIO PAULO DE OLIVEIRA, muitos deles, consagrados na geografia do Brasil

A 5 de outubro de 1891, GORCEIX exonerou-se da diretoria da Escola de Minas, antes de ter tido a oportunidade de defender o seu plano, quando foi a Escola reformada, segundo a organização do ensino devida a BENJAMIN CONSTANT

Regressado a Europa, voltou ao Brasil, em 1896, a fim de organizar, desta vez e a convite oficial, o ensino agrícola em Minas Gerais. Pouco tempo aqui se demorou e, novamente de volta a Europa, veio a falecer na terra natal, aos 77 anos de idade

Nêle o Brasil perdeu um grande e sincero amigo. Mas no Brasil ficou acesa a chama lançada pelo sábio e, também, por doação néle ficaram, a sua biblioteca, a sua coleção mineralógica e seus instrumentos de laboratório

GORCEIX vive no coração e na alma da ciência brasileira. E no momento em que a siderurgia e a metalurgia tomam corpo e expressão entre nós a lembrança de GORCEIX acode, porque a êle se deve -- mais do que a qualquer outro -- ainda o mérito de ter rompido com a técnica do acaso e com a tradição do empirismo, como tão bem salientou, arguto comentador do BOLETIM GEOGRÁFICO deste CONSELHO -- J V C P

COMENTÁRIOS

FUNDAMENTOS GEOGRÁFICOS DO MÉTODO NO FOLCLORE BRASILEIRO

Prof. Joaquim Ribeiro

Técnico de Educação

O problema básico e primordial do *folclore* brasileiro é a sistematização. País de grande extensão geográfica e sujeito historicamente a múltiplas influências impõe ao estudioso, como ponto de partida, a necessidade da classificação das tradições.

Depois da colheita do material, o primeiro trabalho *científico* propriamente dito é classificá-lo

No terreno de nossa etnografia (claro está que excluo a etnografia das nossas populações *ameríndias*) só houve até hoje duas tentativas completas a classificação antropológica de SÍLVIO ROMERO e a que apresentei no ensaio *Introdução ao estudo do folclore brasileiro* inspirado nas modernas diretrizes dos estudos étnicos

Quando SÍLVIO ROMERO tentou sistematizar o estudo do nosso *folclore*, o *antropologismo* dominava os estudos dessa natureza, daí a orientação tendenciosamente antropológica (racial) do *folclorista* sergipano

Tomando por base o *fator racial* formulou uma classificação em torno dos elementos raciais que entraram em nossa formação, distribuindo o nosso *folclore* de acordo com as origens ditas raciais. Obedecendo a esse critério, dividiu o *folclore* em quatro classes:

- I — Tradições originárias do elemento português (raça branca).
- II — Tradições originárias do elemento aborígene (raça vermelha)
- III — Tradições de origem negra (raça negra)
- IV — Tradições derivadas de elementos mestiços (tipos de mestiçagem)

Esta classificação foi logo aceita e divulgada no estrangeiro por SANTA'ANA NERY no livro *Folclore brasileiro*, editado em Paris, e por TEÓFILO BRAGA em Portugal

Não há dúvida que, aparentemente, a classificação de SÍLVIO ROMERO parecia satisfazer à finalidade do estudo

Não tardaram, porém, as críticas e objeções

O primeiro a combatê-la foi o saudoso *folclorista* do Nordeste, RODRIGUES DE CARVALHO que no seu precioso *Cancioneiro do Norte* se mostrou positivamente contrário ao método introduzido pelo filósofo sergipano

"Não justifico SÍLVIO ROMERO (diz êle) quando afirma a origem de cada conto ou canto das suas coleções. Das três raças há apenas reminiscências estampadas no tipo, nas ações, nos costumes do brasileiro atual"

RODRIGUES DE CARVALHO defende e até certo ponto com boa razão, uma *teoria do hibridismo*, característico de nosso povo. Excede-se, porém. O fenômeno de hibridismo de nossas tradições, sem dúvida, existe, mas não é tão absoluto quanto lhe parece

Há exceções à porfia. Inúmeras tradições conservam-se, entre nós, puras, com o matiz originário. Há superstições comuns ao Brasil, a Portugal e a outros países europeus, que conservam a forma remota e distante de origem. Haja vista, por exemplo, a crença popular do *mau agouro do canto da coruja*, era conhecida dos romanos, como atesta VIRGÍLIO na égloga *Titino e Melibeu*, e ainda hoje é vulgar, tanto entre nós como em numerosos países europeus, principalmente nos países latinos. Há trovas populares, que conquanto cantadas por nosso povo, são estritamente lusitanas, tais como:

*Chanda, cirandinha
Vamos todos chandar
Vamos dar a meia volta
Volta e meia vamos dar*

A lenda da "boiúna", corrente na Amazônia, é uma típica tradição da raça vermelha (Tupi-guarani) — tanto quanto a crença no *Zumbi*, popular na Bahia, o é dos negros

Por aí se vê que nem tôdas as tradições possuem caracteres de hibridismo, o que, em parte, é uma objeção fulminante aos termos absolutos da teoria tão ardentemente defendida por RODRIGUES DE CARVALHO. Mas não foi apenas esta a única objeção aparecida contra a doutrina de SÍLVIO ROMERO.

O sistema do illustre sergipano oferece inúmeras obscuridades ao classificador, que está sujeito a todo momento ser iludido nas identificações raciais das tradições populares. Daí os inevitáveis enganos de SÍLVIO ROMERO ao afirmar certas origens de contos ou lendas. As indicações de SÍLVIO ROMERO primam pela ausência de *dados comparativos* indispensáveis.

Nesse ponto o primeiro a criticá-lo, demonstrando a dificuldade de tal processo, foi JOÃO RIBEIRO no livro *Fabordaão* (1910), onde mostrou à saciedade que o conto "o jaboti e o tatu", dado como de origem tupi, era, na verdade, de procedência ariicana, conforme se encontra em RENÉ BASSET, *Contes populaires d'Afrique* e em HÉLI CHATELAIN, *Folktales of Angola* (história do "elefante e a rã").

PEREIRA DA COSTA no *Folclore Pernambucano* acrescenta às fontes raciais de SÍLVIO ROMERO, outros veios de tradições, oriundos de elementos históricos (domínio holandês, fatos políticos, etc.), embora sem intuito de sistematização.

MELO MORAIS salientou a influência do *elemento cigano*, que BASÍLIO DE MAGALHÃES reputa algo exagerada.

Em 1918, LINDOLFO GOMES critica sãbiamente o sistema de SÍLVIO ROMERO, fundamentado na tese da *identidade do espírito humano*. Lembra o conto "O macaco e o rabo", cujo "leit-motiv" aparece em *folclores* de múltiplas origens.

Para LINDOLFO GOMES o sistema de SÍLVIO ROMERO não é satisfatório para a classificação dos *contos populares*. Nesse ponto o método dos *ciclos temáticos* servia melhor. É esta a retificação proposta pelo sábio folclorista de Juiz de Fora. Na verdade foi êle o introdutor desse processo em nosso folclorismo.

Mais tarde GUSTAVO BARROSO rejeita também o critério de SÍLVIO ROMERO e apresenta uma classificação temática demasiadamente parcial.

O folclorista SÍLVIO JÚLIO, igualmente, coloca-se contra o sistema de SÍLVIO ROMERO, dadas as analogias existentes entre os folclores do orbe.

Tôdas essas censuras à classificação de SÍLVIO ROMERO são críticas parciais, pois, não a atingem totalmente.

A crítica justa que se pode fazer ao sistema de SÍLVIO ROMERO, e a única a meu ver, decisiva, é o de ser baseado numa criteriologia eminentemente antropológica. Isso, porém, é defeito da época em que o elaborou. Quando SÍLVIO ROMERO estabeleceu a sua classificação, o *fator racial* constituía o eixo da etnografia.

Mal se diferenciava *cultura* e *raça*, conceitos diversos então confundidos. É fundamental a diversidade entre *raça* (aspecto *natural* do homem) e *etnia* (aspecto *cultural* do homem).

O antropologismo naturalista avassalava, entretanto, a etnografia.

Só mais tarde, com o advento do movimento *culturalista* apagou-se êsse nevéio antropológico e a classificação de SÍLVIO ROMERO perdeu a atmosfera doutrinária para persistir.

É êsse o erro fundamental da classificação, que, durante tanto tempo, se impôs, certamente pela vantagem da síntese que oferecia. Marca, de fato, uma etapa decisiva de nosso *folclore*.

O estudo do povo brasileiro, no seu aspecto *folclórico*, não pode e nem deve ser feito sob o prisma *racial*.

Os estudos étnicos dispensam a contribuição do método e da criteriologia da Antropologia Natural. E buscam, pelo contrário, na Antropologia Cultural os recursos necessários.

A melhor classificação de nossas tradições populares deve ser feita tendo em vista não só a *área de homogeneidade cultural* em que apareceram (fator geográfico) como igualmente os *estratos culturais* pelos quais passaram através de sua evolução (fator histórico).

Hoje, na verdade, depois dos sábios alemães terem formulado as bases da "ciência da civilização" (*Kulturwissenschaft*) o conceito de civilização, ou melhor de *cultura* (Kultur) veio daí à etnografia um esplendor sem precedentes. O método histórico-cultural, devido às suas raízes filosóficas, veio colocar definitivamente a etnografia no reduto das ciências culturais ou histórico-sociais.

Enganam-se, todavia, os que julgam ser o método histórico-cultural aplicável apenas à etnografia dos povos primitivos e selvagens. Ao contrário, é método comum a todos os ramos das ciências étnicas. É aplicável também ao folclore, tanto que ARANZADI, traduzindo e anotando a Etnografia de HABERLANDT, escreve:

"y tambien en los pueblos llamados cultos quedan a disposición del mismo metodo todos los elementos culturales situados fuera de la historia escrita, sean arqueológicos, sean *folklóricos*" (obra cit., pág. 25).

O mais eminente folclorista da Finlândia (país que é considerado o centro internacional de folclore) KARL KROHN renovou o estudo do folclore justamente

com a aplicação desse método geográfico-cartográfico (Cfr. SCHMIDT, *Origine et evolution de la religion*, trad. de LEMONNYER).

Divulgando a obra *Método de Etnologia* de GRAEBNER, HOYOS SAINZ salienta que "concernem os problemas da Etnografia a limitar capas ou estratos de civilização (*Kulturschichten*) ou áreas de expansão das mesmas (*Kulturkreise*)"

Por aí já vemos que as áreas culturais possuem, como elementos essenciais, fundamentos *geográficos*.

Com pequenas divergências entre etnólogos europeus e americanos, o método cultural tem sido aplicado na América às *culturas ameríndias*.

Do ponto de vista paletnográfico HOLMES, que dirigiu o "Bureau of American Ethnology" dividiu o Novo Continente em 22 áreas de civilização primitiva. O Brasil, na sua classificação, abrange duas áreas apenas:

- a) Área do delta amazônico;
- b) Área da América do Sul primitiva

Tal é a doutrina exarada no *Handbook of aboriginal american antiquities*. Mais tarde WISSLER, tomando por base as manifestações materiais (cerâmica, indumentária, tecidos, etc.), estabeleceu para a etnografia ameríndia da América do Sul 6 áreas, sendo que denomina "Área Amazônica" aos núcleos ameríndios do Brasil.

KROEBER modifica a classificação de WISSLER e estabelece a "Área da Floresta tropical" sub-dividida em três sub-áreas:

- a) as savanas da Guiana;
- b) o planalto do Brasil Ocidental,
- c) o Chaco.

No Brasil o sábio ROQUETE PINTO numa memória apresentada ao Quarto Congresso Médico Latino-Americano classifica as tribos ameríndias de nosso território de acordo com a distribuição geográfica.

Já vimos, pois, que à etnografia ameríndia o método tem sido aplicado com êxito.

Porque não devemos aplicá-lo à etnografia propriamente brasileira?

Foi estabelecendo este problema que no meu ensaio *Introdução ao estudo do folclore brasileiro* estabeleci uma classificação de nossa etnografia inspirada nessas novas diretrizes metodológicas.

Meu principal objetivo foi determinar as *áreas de homogeneidade cultural*, homogeneidade determinada pela *técnica de vida* no passado e no presente. Encarei os fatos etnográficos, não isoladamente, mas *em conjunto* dentro do *estilo regional*, que os caracteriza.

É claro que a aplicação desse método ao Brasil *brasileiro* (que não se confunde com o Brasil *ameríndio*) implica na diferenciação *regional* das camadas de civilização européia ("Ramo cultural tardio, culturas superiores, ciclo moderno" da classificação de MONTANON, chefe da escola ciclo-cultural moderna ou "escola francesa").

Convém frisar que o que denomino "área de civilização" corresponde a verdadeiras *manchas culturais*, de nítida homogeneidade regional.

Esse conceito de "mancha cultural" julgo essencial à aplicação do método histórico-cultural a populações não-primitivas, mas de cultura popular rústica, atrasada e rudimentar.

A "mancha cultural" ocupa determinada área geográfica, porém não possui limites precisos e nítidos.

Foi obedecendo a esse critério que elaborei a seguinte classificação da etnografia brasileira.

- I — *Área de civilização costeira*, abrangendo toda a faixa litorânea. Primitivamente constituía o "*ciclo Atlântico*" do folclore colonial. Atualmente está transformado em dois ciclos:

- a) *ciclo costeiro do norte* ou "*ciclo da jangada*", porque, na costa nordestina, a *jangada* é a *técnica* mais típica da vida litorânea.
- b) *ciclo costeiro do sul* ou "*ciclo dos caixaras*", porque "caixara" é o nome popular do pescador na costa paulista e paranaense.

- II — *Área de civilização agrícola*, compreendendo a zona entre o alto sertão e a costa, onde se desenvolvem as grandes lavouras brasileiras.

Primitivamente formava apenas um pequeno ciclo, próximo da costa, que se poderia denominar *ciclo dos engenhos*, porque o engenho de açúcar, nos tempos coloniais, era um símbolo expressivo desse momento de nossa civilização agrícola.

Atualmente esta área pode ser dividida em três ciclos:

- a) *Ciclo agrícola do norte* ou "*ciclo do mimoso*", para usar a expressão com que os sertanejos nortistas designam a região verdejante de matas, que fica entre o alto sertão e a costa. É a zona da *cana*, do *algodão*, do *fumo*, etc e os seus habitantes, roceiros quase sempre, são chamados *tabareus*, *matutos*, etc
- b) *Ciclo agrícola do sul*, que se poderá chamar "*ciclo do café*" se a policultura de nossos dias não tendesse a desfigurar a grande lavoura sulina, a velha monocultura cafeeira. Constitui o território típico dos *caipiras*, *tapiocanos*, *capiaus*, etc.
- c) *Ciclo dos núcleos de colonização estrangeira*, ou "*ciclo dos imigrantes*" caracterizado pela *metástase* na lavoura brasileira de agrupamentos étnicos de diversa origem: povos germânicos, latinos, eslavos, semitas, amarelos, etc

III — *Área de civilização pastoril do sertão* (Nordeste (zona das caatingas), Bahia, Minas e parte de Goiás) — ou *ciclo do couro* porque o couro constitui elemento típico da técnica da indumentária, montaria, etc O vaqueiro nordestino é figura característica do meio cultural

No passado o emprêgo do couro foi, na verdade, mais geral e absorvente que nos dias de hoje:

"De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos, de couro tôdas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforge para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os bangüês para cortume ou para apuniar sal, para os açudes o material de atêrro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com o seu peso, em couro pisava-se o tabaco para o nariz" (CAPISTRANO DE ABREU)

É a zona do pastoreio sertanejo, que se formou desde os tempos coloniais quando a *criação*, no Nordeste, realizava penetração pacífica enquanto que as "bandeiras", no planalto do Sul, realizavam penetração belicosa

O alto sertão brasileiro é, atualmente, eminentemente, pastoril

IV — *Área da civilização mineira* Primitivamente abrangia a enorme zona de expansão das "bandeiras" (ciclo dos bandeirantes).

Atualmente essa área está quase tôda absorvida não só pela área agrícola como pela área pastoril e se reduz a meros núcleos:

- a) *ciclo de mineração*, cuja técnica tradicional está desaparecendo diante dos processos mecânicos modernos
- b) *ciclo de garimpagem* que, por sua natureza, não possui continuidade geográfica e implica em localização nas margens dos rios diamantíferos de Minas, Goiás, Mato Grosso, Bahia, Paraná, etc

V — *Área de civilização pampeana*, caracterizada por uma civilização pastoril estreitamente ligada à civilização da planície pampeana. De fato, os gaúchos brasileiro, uruguaio e argentino, nas suas usanças, se parecem tanto que, sob o ponto de vista cultural, pertencem a um mesmo ciclo (*ciclo pâmpeano*). Inúmeros complexos culturais são comuns a todos êles: o *chir'pá*, o *poncho*, as *bombachas*, as *chilenas*, etc O próprio vocabulário regional define a identidade cultural (*Bagual*, *ahijuna*, *guasca*, *gaúcho*, *cabouguero*, etc).

VI — *Área de civilização amazônica*, caracterizada pela grande influência ameríndia na linguagem, nas técnicas de vida, etc A indústria é, aí, puramente extrativa (a pesca, a castanha, a borracha, as madeiras, etc) É o ciclo do *seringueiro*, do *bebe-água* da Amazônia, isto é, o caboclo das margens dos rios e igarapés

A civilização apresenta-se com verdadeiro aspecto *lacustre*.

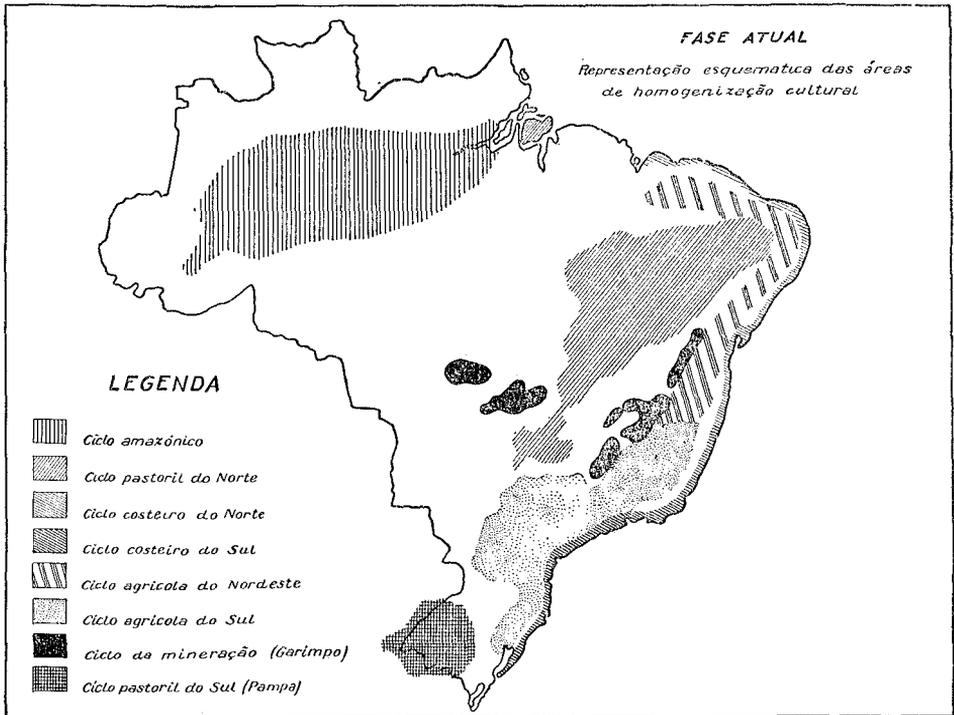
Tais são as grandes áreas de *homogeneidade cultural* que constituem a colcha de etnografia brasileira



Dentro dessa ampla sistematização as tradições devem ser classificadas, a fim de serem explicadas de acôrdo com o conjunto.

O estudioso pode, sem ferir êsse método, caracterizar ciclos menores de natureza local

A flexibilidade do método geográfico-cultural é maior ainda se, em vez de reunir as tradições *em conjunto*, quisermos separar cada *elemento cultural* numa área isoladamente para melhor estudá-lo



CLARK WISSLER estabeleceu, por exemplo, para *etnografia ameríndia as áreas de alimentação (Foods areas)*, incluindo o Brasil ameríndio na "área da Mandioca"

Igual método podemos introduzir na etnografia propriamente brasileira

Tomemos, por exemplo, a base da alimentação popular de nossas populações e distinguiamos com nitidez:

- I — *Ciclo da tartaruga e do pirarucu*, abrangendo tôda a Amazônia. A tartaruga é o prato amazônico por excelência e dêle há inúmeras variedades. A pesca fluvial é a forma de economia alimentar.
- II — *Ciclo de pesca marítima*, compreende tôda a faixa litorânea, salientando-se o *sururu* (prato regional de Alagoas), a *muqueca* (Bahia)
- III — *Ciclo da carne de cabrito*, compreende todo o Nordeste, desde o ciclo agrícola ao ciclo pastoril
- IV — *Ciclo da carne de porco*, abrange todo o ciclo agrícola do Sul (caipiras, etc.)
- V — *Ciclo do churrasco*, característica da civilização pampeana (gaúchos)

Tomemos agora a habitação popular.

- I — Ciclo do *tapini* (Amazônia)
- II — Ciclo da *casa de sapé* (conhecida em todo o interior do Brasil)
- III — Ciclo dos *mocambos* (praias do Nordeste)

A *religião popular* pode também ser estudada à luz dêsse método:

- I — Ciclo da *pajelança* (Amazonas e Maranhão).
- II — Ciclo da *santidade* (o profetismo sertanejo, Canudos, Juazeiro, etc., todo o sertão brasileiro)
- III — Ciclo do *candomblé* (Bahia e suas irradiações urbanas)

A tradição pode, portanto, ser classificada *em conjunto* na sua área ou *isoladamente* no seu ciclo

O folclorista, porém, analisa, além das características regionais e das características diferenciais de suas "variantes", as *fontes originárias* das tradições. Verifica se houve migração, através do "*self-repeating-process*", de outras civilizações para o Brasil

Para o estudo de acôrdo com a sua *filiação histórica*, delineei o seguinte esquema de fontes do folclore brasileiro, fundado no critério lingüístico

- I — FONTES INDO-EUROPEIAS.
 - a) Elementos românicos (português, etc)
 - b) Elementos greco-romanos
 - c) Elementos germânicos
 - d) Elementos célticos.
 - e) Elementos eslavos
- II — FONTES SEMÍTICAS
 - a) Elemento arábico
 - b) Elemento judaico
- III — FONTES AFRICANAS
 - a) Bantu
 - b) Sudanês
- IV — FONTES AMERÍNDIAS
 - a) Tupi-guarani.
 - b) Outros elementos (gê, nu-atuak, etc)
- V — FONTES ORIENTAIS
 - a) Elemento cigano
 - b) Elemento nipônico
 - c) Elemento maláio

No Estudo das fontes é indispensável traçar a *linha migratória* e ainda, aí, mais uma vez o método geográfico-cartográfico é um recurso precioso

Vejamos um exemplo sugestivo

Tomemos a antiquíssima fábula de ESOPO. *o lobo e o cordeiro* Foi imitada por numerosos fabulistas (GABRIAS, FEDRO, etc)

Na tradição popular européia essa fábula modificou-se em dois contos

- a) *o lobo e as cabrinhas*
- b) *o lobo e a menina* (ou *Chapéuzinho Vermelho*)

Na primeira houve persistência *zoomórfica* e na segunda tendência *antropomórfica*.

Ambas vieram para o folclore brasileiro e localizaram-se, de preferência, no *meio urbano*. No *meio rural*, a história do *lobo e a menina* estava fadada a desaparecer ou a modificar-se, uma vez que não existem, em nosso interior, lobos. Houve, entretanto, as seguintes adaptações

- a) *O lobisomem e a menina* (Nordeste).
- b) *O quibungo e a menina* (Bahia; influxo bantu)
- c) *O bicho-ponguê e a menina* (Minas, influxo bantu)

É fácil, pois, traçar a geografia da migração dessa tradição

ESOPO

(G R É C I A)

Persistência zoomórfica	Fabulistas	Tendência antropomórfica
<i>O lobo e as cabrinhas</i>		<i>O lobo e a menina ou</i>
Portugal		<i>Chapéuzinho Vermelho</i>
Brasil		Europa Ocidental
		(Portugal)
		Brasil
		núcleos urbanos)
		NORDESTE
		(<i>O lobisomem e</i>
		<i>a menina</i>)
		BAHIA
		(<i>O quibungo e</i>
		<i>a menina</i>)
		MINAS
		(<i>O bicho pinguê</i>
		<i>e a menina</i>)

No meu livro *Introdução ao estudo do folclore* cito cada uma dessas versões, analisando-as no seu "leit-motiv" e nas suas adaptações regionais

É indispensável recorrer-se à Geografia para realizar, com segurança, uma pesquisa *folclórica*

O método de folclore que não teve fundamentos geográficos não oferece objetividade e pode levar o pesquisador a falsas generalizações

Sem geografia (podemos concluir) o folclorista perde o contacto com a terra e o homem e, sem este contacto é impossível estudar o povo, justamente no seu aspecto mais espontâneo, típico e rudimentar ¹

¹ Conferência realizada no C.C.G., (Centro de Conversações Geográficas), a convite do Professor JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA